

ESTRATÉGIAS DE POVOAMENTO, TRANSIÇÕES CULTURAIS E REGISTO ARQUEOLÓGICO (OU A IRÓNICA CONTINGÊNCIA DA CIÊNCIA) – UMA DATAÇÃO ABSOLUTA PARA O SÍTIO DA DEFESA DE CIMA 2 (ÉVORA)

Mariana Diniz¹

Resumo:

A apresentação de uma datação absoluta obtida sobre osso de mamífero, recolhido no interior de uma estrutura negativa, tipo forno/silo, do sítio da Defesa de Cima 2 (Évora), é aqui apresentada como mais um indicador da existência de uma etapa de utilização mesolítica em contextos, caracterizados pela presença de pequenas estruturas negativas, que têm vindo a ser escavados, na última década, no Centro e Sul de Portugal.

Estes sítios de fornos/silos – designação dupla que refere as estruturas negativas aí identificadas, por regra com menos de 80cm de profundidade e 80cm de diâmetro, revestidas a argila e com base pétreas – foram a partir de critérios tipológicos, e funcionais, associados a grupos neolíticos. Numa primeira fase da sua investigação, e apesar da ausência de datações absolutas, a presença, nestes contextos, de fragmentos cerâmicos e a interpretação destas estruturas como silos, e portanto conectadas com práticas de armazenamento, permitia integrá-las em ambientes próprios de sociedades produtores de alimentos.

No entanto, a partir das datações absolutas obtidas para um destes sítios - Cova da Baleia (Sousa e Gonçalves, 2015), e de uma análise da cultura material aí recuperada, foi possível reavaliar a classificação crono-cultural destes contextos que, em função dos dados disponíveis, podiam ter tido uma etapa de uso associada aos caçadores-recolectores do Mesolítico inicial (Diniz, 2013).

A datação absoluta obtida para a Defesa de Cima 2 aponta para a existência de um episódio de utilização de uma dessas estruturas negativas nos finais do 7º milénio cal AC, num momento de transição entre o Mesolítico Inicial e o Mesolítico recente. De

¹ Centro de Arqueologia – UNIARQ. Departamento de História. Faculdade de Letras de Lisboa. 1600-214 Lisboa. Portugal. m.diniz@fl.ul.pt

acordo com este resultado, é possível alargar os territórios, as estratégias de ocupação do espaço e o quadro de atividades desenvolvidas por estes caçadores-recolectores. Nestes sítios de fornos/silos processam-se alimentos que serão consumidos num outro lugar, esta economia de retorno diferido, que já tinha sido entrevista no sítio da Barca do Xarez de Baixo (Araújo e Almeida, 2013), parece confirmar-se aqui.

Palavras-chave: Mesolítico; datação absoluta; fornos/silos; Defesa de Cima 2

Abstract:

This paper presents an absolute date from a Southern Portugal prehistoric site – Defesa de Cima 2 (Évora) characterize by several negative features dogged in the bed rock with clay walls and a stone pavement. These features do not seem associated with a truly habitat site but instead with a specialized function area that should be understood as part of a group larger economic system. Negative features from Defesa de Cima 2 like the ones identified in different prehistoric sites in central/southern Portugal in spite of not having an archaeological content that could reflect its functionality have been considered as ovens or storage pits. Even before any 14C date were obtained they were related with Neolithic groups attending both to the pottery sherds retrieved at these sites but also to the storage activity they should be connected to.

Nevertheless, the first 14C dates obtained from one of these ovens/pits sites - Cova da Baleia site (Sousa e Gonçalves, 2015) and the reappraisal of the material culture assemblage retrieved allowed a previous re-evaluation of the chrono-cultural background of these sites (Diniz, 2013). According to this data sites like Defesa de Cima 2 where pits – usually no more than 80 cm depth and 60 cm width - are the main site features could have been occupied by Initial Mesolithic hunter-gatherers that were also responsible for the construction/use of these negative structure most probably used as cooking pits.

The absolute date from Defesa de Cima 2 pointing to a use episode of one of these features by the end of the 7th millennium CAL BC seems to stand for this hypothesis so enlarging Initial Mesolithic territories, settlement strategies and economic skills since it is predicted that food resources prepared in these cooking pits sites were consumed latter and at different locations - that was previous detected at Barca do Xarez de Baixo

(Araújo e Almeida, 2013) - as a part of a delayed-return economy in which these hunter-gatherers were involved.

Key-words: Mesolithic; absolut date; ovens/pits; Defesa de Cima 2

1. Estratégias de povoamento – cartografias e parcialidade de uma imagem em movimento

No registo arqueológico, a mudança detectada no campo das estratégias e dos modelos de povoamento constitui um dos indicadores fundamentais de transformação cultural, materializada em novas opções territoriais e sociais, que podem implicar alterações na concentração/dispersão de povoamento, na distância/proximidade às linhas de costa, na selecção de cotas baixas/elevadas como lugares preferenciais de estabelecimento, na distância/proximidade a recursos específicos.

Em cada momento, as estratégias de povoamento tendem a integrar uma diversidade efectiva de categorias de paisagem que, na sua complementaridade, permitem a manutenção do sistema cultural. A mudança de coordenadas sociais, económicas, tecnológicas ou simbólicas pode determinar o abandono/ocupação de territórios específicos, ao longo da diacronia (pré)histórica, e a identificação dessas distintas estratégias, ou dos seus mais significativos componentes, representa uma das áreas fundamentais da investigação arqueológica.

No entanto, as estratégias de povoamento das sociedades pré-históricas – cuja definição resulta de trabalhos continuados de prospecção e escavação, levados a cabo por sucessivas comunidades arqueológicas – constituem um dos mais contingentes elementos do registo arqueográfico, como têm, paradigmaticamente, demonstrado os trabalhos de campo realizados neste século, em algumas áreas do Sul de Portugal.

Neste sentido, a *resiliência* demonstrada por algumas estratégias de povoamento associadas a fases específicas da Pré-história pode traduzir, mais do que a adequação histórica do modelo, a dificuldade em ampliar, para algumas etapas do Passado, o registo arqueográfico disponível. Discutir, nesta perspectiva, os modelos de povoamento, hoje aceites, para o Mesolítico Inicial, no Ocidente peninsular, constitui o objectivo nuclear desta reflexão.

A definição das estratégias de povoamento das sociedades constitui – ainda que muitas vezes debaixo de outras designações – um dos objectivos fundamentais da investigação arqueológica que, sob a forma de mapas de localização de sítios, modelos de implantação definidos, hoje, a partir de sistemas de informação geográfica, procura inventariar os sinais do povoamento passado, cruzando-os com diferentes características físicas e biológicas da paisagem, tendo em vista a identificação dos critérios de selecção das áreas de implantação e o quadro de actividades que se desenrolam nos diferentes cenários da acção antrópica.

No Ocidente peninsular, uma análise diacrónica dos modelos de povoamento das sociedades da primeira metade do Holocénico deve refletir uma alteração efectiva destes modelos, em função de mudanças climáticas e da alteração das estratégias de exploração de territórios e recursos.

Numa leitura sintética do registo pode reconhecer-se que na passagem do Mesolítico Inicial para o Mesolítico Recente se assiste a uma marginalização efectiva de territórios *de Interior* e uma selecção de ecossistemas com componente aquática, adequados à exploração de novos elementos bio-económicos, que as novas práticas que dependem de um leque mais alargado de matérias-primas e de tipos de solos adequados ao cultivo, como as que decorrem do processo de neolitização vão gerar novas cartografias de povoamento, que uma ocupação efectiva da diversidade de ambientes, territórios, e andares bio-climáticos registados na Península Ibérica, demonstra as crescentes capacidades tecnológicas e o crescimento demográfico que caracteriza as paisagens do Neolítico final/Calcolítico.

A definição destes modelos/estratégias de povoamento sintetiza décadas de investigação, em torno de distintos momentos crono-culturais, e reconhece as *constantes e linhas de força* na implantação dos sítios identificados, permitindo a definição de áreas preferenciais de ocupação e, por escassez/ausência de vestígios arqueológicos, a identificação de áreas periféricas ou mesmo não ocupadas, em diferentes cronologias.

A construção/ampliação/correção destes modelos de povoamento pode ser descrita segundo uma lógica de equilíbrio pontuado: construído o modelo, num momento específico da história da arqueologia, ele tende a perdurar até que, por regra, como fenómeno rápido se assista a uma substituição de paradigma, à construção de outra norma, que o discurso científico consolidará, até que uma outra revolução

epistemológica, que pode ser consequência de rupturas teóricas e/ou metodológicas e/ou arqueográficas, reinicie este processo.

Nas últimas décadas, e como tem sido diversas vezes sublinhado, esta substituição de paradigma afectou de forma muito óbvia os modelos de povoamento relativos ao Neolítico antigo e ao Neolítico final/Calcolítico.

No primeiro caso, o modelo tradicional, delineado a partir dos anos 70, definia o povoamento do Neolítico antigo como um povoamento litoral, ocupando zonas planas, abertas e arenosas, ao qual se associava uma utilização, predominantemente funerária (?), das grutas do Maciço Calcário. Na década de 90, acrescentam-se os sítios de Interior – Buraco da Pala, Valada do Mato, Prazo - e as ocupações de Serra – como São Pedro de Canaferrim. Para além das areias e dos calcários, a ocupação dos granitos parece um dos elementos decisivos, desta primeira fase, do povoamento neolítico. Este modelo, de maior diversidade geológica e geográfica, tem sido consolidado pela identificação de novos sítios que o confirmam, mas não tem sofrido alterações substantivas, desde então, e para alguns territórios a ausência de informação aponta para efectiva informação sobre a ausência destes grupos. Neste modelo, as comunidades do Neolítico antigo parecem evitar – ou aí não estão conservados os seus vestígios – os ambientes de substratos xistosos, mas também, na Zona Sul Portuguesa, as áreas de formações sedimentares antigas que têm sido intensamente intervencionadas, na última década, sem no entanto aí terem sido identificadas ocupações integráveis nesta etapa.

Para as sociedades agro-metalúrgicas, a re-construção de modelos de povoamento registada nos finais do séc. XX, e depois nos inícios do séc. XXI, dilata numa primeira fase os territórios ocupados – com a identificação de um povoamento calcolítico para além das suas áreas, então, tradicionais de ocupação – o litoral algarvio, as penínsulas de Lisboa e de Setúbal – e que se estendeu à Serra Algarvia, ao Interior Alentejano, a Trás-os-Montes. Esta re-definição do modelo, em curso já na década de 80, é sobretudo de natureza geográfica, uma vez que os sítios identificados, apesar de diferenças menores, enquadram-se no padrão conhecido, povoados de altura, com linhas de muralhas e torres de pedra. Já no início do novo milénio, a identificação dos grandes recintos de fossos, cujas lógicas de implantação topográfica, dimensões e arquitecturas não eram conhecidas no Ocidente peninsular, conduz à revisão do

paradigma prévio e ao debate em torno de novos modelos de organização social, ainda em construção.

Ao lado destes modelos de povoamento, que sofreram alterações efectivas, em função de novos dados de terreno que os corrigem, nalguns casos de forma abrupta, outros parecem de maior robustez, como os definidos para os primeiros milénios do Holocénico, onde a ampliação da base empírica é muito diminuta. Por causas cruzadas, que se prendem, entre outras, com alterações de linha de costa e submersão de territórios litorais, maior antiguidade, logo maior fragilidade dos vestígios, menor densidade demográfica logo menor pegada arqueográfica, parece garantida uma sobrevivência longa destes modelos de povoamento, sobrevivência que não é, necessariamente, sinónimo de maior adequação histórica deste modelo ao real.

Apesar destas limitações, que conferem maior *resiliência* a modelos construídos para etapas mais recuadas, dados obtidos, nas últimas décadas, em particular os relativos aos sítios de fornos ou sítios de silos, permitem uma revisão de alguns pressupostos relativos às estratégias de povoamento, desenvolvidas durante o Mesolítico inicial, que abaixo se discutem.

2. Mesolítico Inicial – modelos de povoamento e usos do território – novos dados?

Para o Mesolítico inicial, o modelo de uso do território construído por A.C. Araújo (2003), constitui, ainda hoje, a mais eficaz síntese para gerir o registo arqueológico, integrando numa leitura conjunta os sítios de curta/longa ocupação, os sítios de litoral/interior e os sítios funcionalmente especializados/sítios residenciais. Dos dados disponíveis, lidos nas combinatórias que este modelo permite, emerge uma paisagem esparsamente ocupada por grupos de pequena dimensão e de baixa densidade arqueográfica. A (actual) linha de costa parece, e as ocupações de alguns sectores do maciço calcário, constituem os espaços de referência, destacando-se, neste cenário, o sítio da Barca do Xarez de Baixo, em Reguengos de Monsaraz (Araújo e Almeida, 2013), identificado nos finais do passado século.

A localização geográfica do sítio da Barca do Xarez de Baixo, e a natureza das actividades aí desenvolvidas, ampliou significativamente, para o Interior do actual

território português, as áreas exploradas por estes caçadores-recolectores, ao mesmo tempo que acrescenta à base de dados a existência de um sítio funcionalmente especializado, no processamento intensivo de carcaças de ungulados de médio/grande porte. As datações absolutas e a detalhada análise da informação recolhida no sítio revelam, pela primeira vez, a existência no Mesolítico inicial de uma ocupação de acentuado carácter oficinal, orientada para a preparação de produtos alimentares de consumo diferido.

Na mesma região, as escavações dos sítios da Baixa do Xarez põem a descoberto (Gonçalves et al., 2013), sítios com sequências, por vezes longas de ocupação, como é o caso do Xarez 12, para o qual, e partindo de critérios tipológico/estratigráficos, se propõe a existência de uma fase de utilização Mesolítica para este contexto, inicialmente pensado como de cronologia exclusivamente neolítica. Apesar da ausência de datações absolutas para o Xarez 12, a recentemente identificada ocupação do troço médio do Guadiana, por caçadores-recolectores mesolíticos, parece aqui alargar a sua base empírica.

No outro extremo do território, as datações absolutas obtidas, para a Cova de Baleia, a partir de nódulos de carvão provenientes do interior de estruturas negativas tipos fornos/silos (Sousa e Gonçalves, 2015), conduzem a igual processo de revisão da cronologia deste sítio e, em consequência, das estruturas negativas que o caracterizam.

A leitura conjunta destes dados, aos quais se somam os do sítio da Defesa de Cima 2 (Évora) – permitir abrir o debate acerca das modalidades de uso do território, durante as primeiras etapas do Mesolítico, a partir das escassas datações absolutas disponíveis, dos elementos da cultura material recuperados nestes contextos e das escassas informações acerca da funcionalidade destas estruturas negativas de argila e pedra, classificadas enquanto fornos ou silos (Diniz, 2013).

Foi então colocada a hipótese de que estes sítios de fornos/silos, onde exclusivamente foram recuperados produtos silvestres, que apresentam uma indústria lítica com fortes semelhanças às indústrias de entalhes e denticulados que caracterizam, em distintas áreas da Península ibérica, os conjuntos artefactuais das sociedades do Mesolítico Inicial (e.g. García Martínez de Iragorri, 2001; Alday e Cava 2006), pudessem ter sido, em parte, produto das sociedades de caçadores-recolectores dos primeiros milénios do holocénico, utilizados num quadro de actividades que abaixo se discute.

Que estes sítios foram objecto de reocupações posteriores em diferentes momentos do Neolítico é confirmado pela presença de materiais cerâmicos cujas tipologias o denunciam, que estas cerâmicas – em alguns destes sítios vestigiais – pode ter funcionado como um fóssil-director que ocultou anteriores utilizações destes espaços é uma possibilidade que parece cada vez mais efectiva.

3. O sítio da Defesa de Cima 2 (Torre de Coelheiros, Évora) – cronologia absoluta, cultura material e problemáticas de análise

2.1. Cronologia absoluta

A revisão da cronologia da mais antiga das fases de ocupação, do sítio da Defesa de Cima 2 (Fig.1), foi iniciada, em 2013, quando se propunha para as estruturas negativas de argila e base pétrea, atendendo em particular, aos elementos da cultura material recuperados no sítio, uma integração nos contextos das últimas sociedades de caçadores recolectores.



Fig.1 – Localização do sítio da Defesa de Cima 2, na península e no excerto da Carta Militar 1:25 000, nº 471

A necessária confirmação desta hipótese assentava na obtenção de datações absolutas, para o sítio da Defesa de Cima 2, que se iniciou com a procura de amostras datáveis, de significado cultural e com proveniência estratigráfica segura. No sítio, implantado em área granítica, a acidez dos terrenos não permitiu a conservação

abundante de matéria orgânica, pelo que são raros os restos faunísticos. De entre o material recolhido, durante os trabalhos de terrenos conduzidos pela Arqueohoje, Lda. (Carvalho e Santos, 2008), selecionou-se osso, com sinais de combustão intensa, proveniente do interior de uma das estruturas negativas, com base pétrea e revestimento de argila. Este material foi classificado por Cleia Detry (informação oral), como pertencente a um mamífero. A sua dimensão e o seu estado de conservação não permitiram uma caracterização mais detalhada.

O osso datado foi recolhido, a 30 cm do topo, no interior da Fossa n.º 1, uma estrutura negativa bem conservada, de base pétrea e revestimento argiloso nas paredes, e forneceu o resultado que abaixo se apresenta.

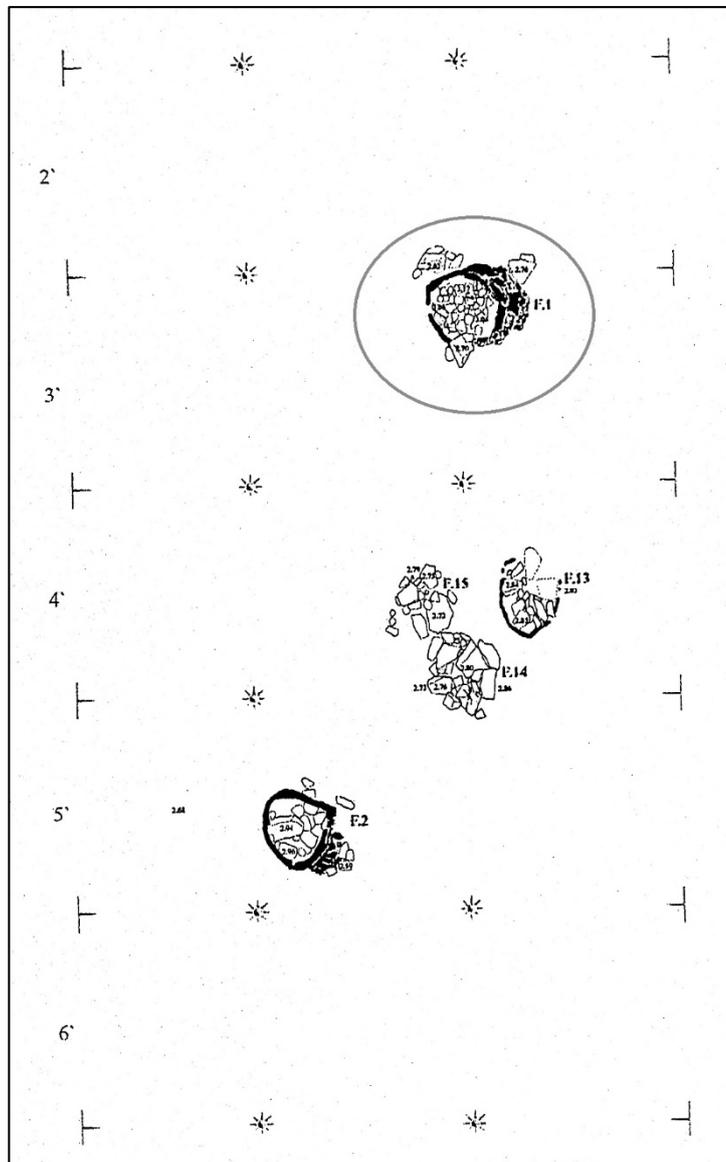


Fig. 2 A – Localização da Fossa n.º 1, na área escavada.

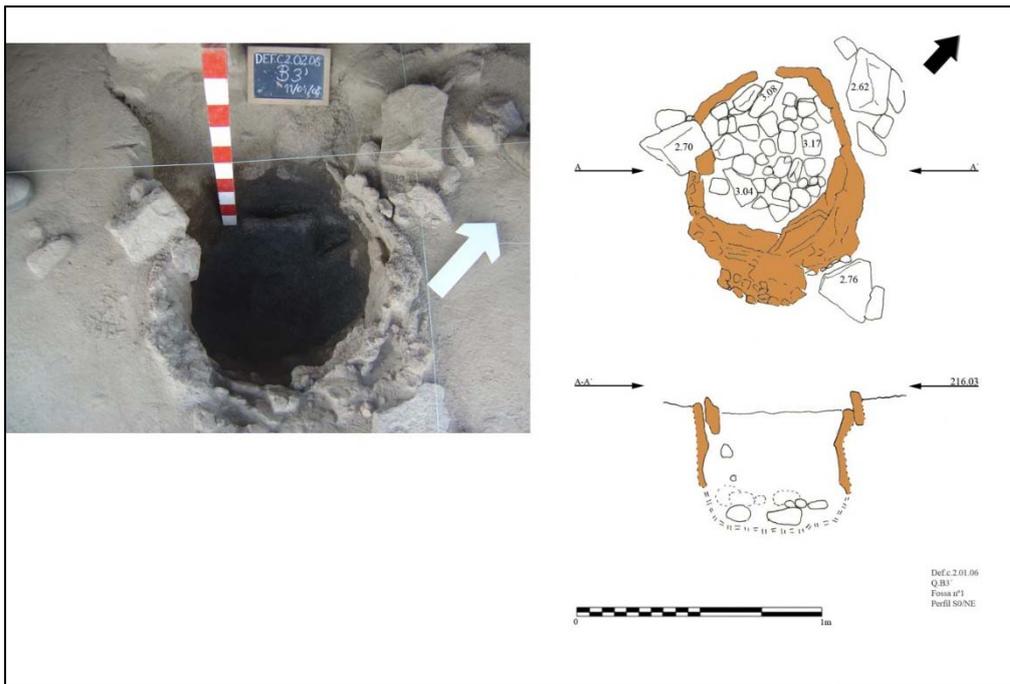


Fig. 2 B – Planta e corte da Fossa 1 (a partir de Santos e Carvalho, 2006)

Datação absoluta para o sítio da Defesa de Cima 2 (Évora)

Laboratório	Contexto*	Amostra	BP	Cal AC 1 σ	Cal AC 2 σ
Beta-409413	Fossa 1 Q. B3' (Interior da fossa – 30cm do topo)	Osso cremado	7180 \pm 30	6060-6015	6075-6005

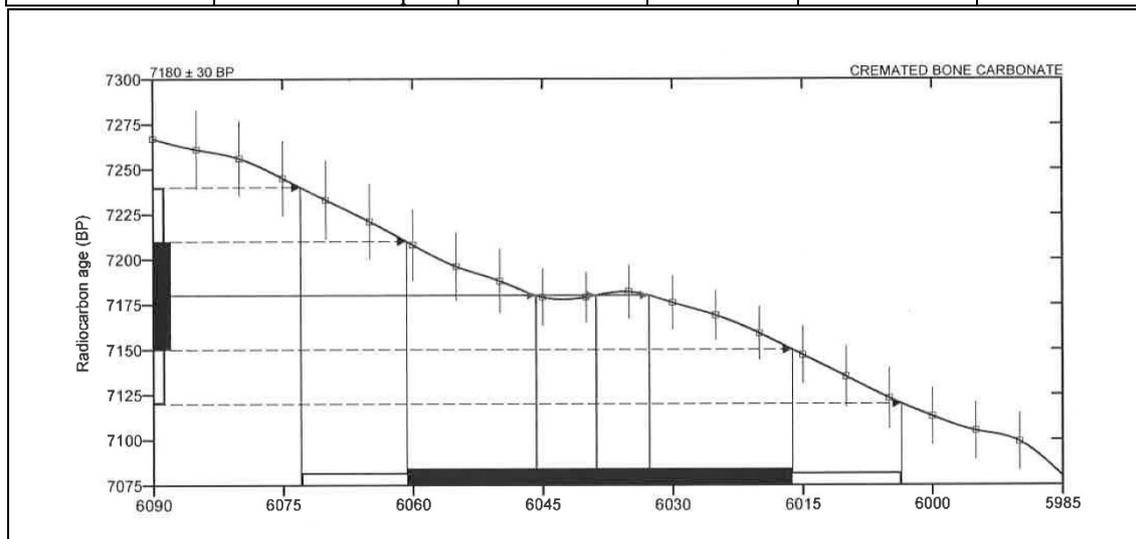


Fig. 3 – Calibração do intervalo de tempo obtida para o sítio da Defesa de Cima 2.

* De acordo com a informação constante do Relatório Final (Santos e Carvalho (2006)

Os resultados obtidos colocam a utilização desta estrutura negativa nos finais do 7º milénio cal AC, portanto numa fase de transição entre o Mesolítico Inicial/Mesolítico

Recente, num momento em que, de acordo com as cronologias recentemente obtidas por Peyroteo Stjerna (2016), já estão em uso as necrópoles dos concheiros do vale do Tejo e do vale do Sado.

Apesar de todas as reservas que devem existir na utilização de um único intervalo de tempo como elemento de caracterização cronológica de sítios e de fases, o resultado obtido parece confirmar a hipótese antes colocada, permitindo classificar alguns destes fornos/silos enquanto estruturas construídas por caçadores-recolectores mesolíticos. Confirmar, ou infirmar, esta proposta cronológica – que abaixo será discutida – depende de um maior número de datações absolutas que possa ser obtido para este, e outros, contextos afins.

2.2. Estruturas e funcionalidades, cultura material e problemáticas de análise

Em torno do uso específico destas estruturas não existe, por falta de informação directa, resultante de conteúdos provenientes do interior das mesmas, um conhecimento efectivo e diferentes autores admitem, em alternativa, uma utilização enquanto forno culinário ou enquanto silo. Perante esta ausência de elementos arqueográficos inequívocos, procurar-se-á, através de uma análise de possíveis marcadores químicos conservados no seu revestimento argiloso, num projecto conjunto com o BioArCh, da Universidade de York, obter dados sobre os conteúdos e as funcionalidades destas estruturas, enquanto lugares de transformação/processamento ou de armazenamento de alimentos.

A natureza do revestimento argiloso destas estruturas negativas, já discutido em Bruno (2010) denuncia a origem antrópica deste, que não resulta da cozedura do sedimento natural, uma vez exposto à acção do fogo, mas da colocação intencional de uma argila que coze depois pela acção do fogo executado sobre os blocos pétreos que constituem a sua base, e onde são muito visíveis os sinais de combustão.

A colocação de argila como revestimento das paredes pode reflectir uma intenção de impermeabilização destas estruturas, eventualmente associada ao uso de líquidos no seu interior? Esta mesma possibilidade – a do uso de líquidos – foi colocada para a Barca do Xarez de Baixo, atendendo à geometria poliédrica dos termoclastos (Araújo e

Almeida, 2013, p. 202), ainda que, neste caso, a ausência de estruturas negativas profundas possa comprometer esta hipótese.

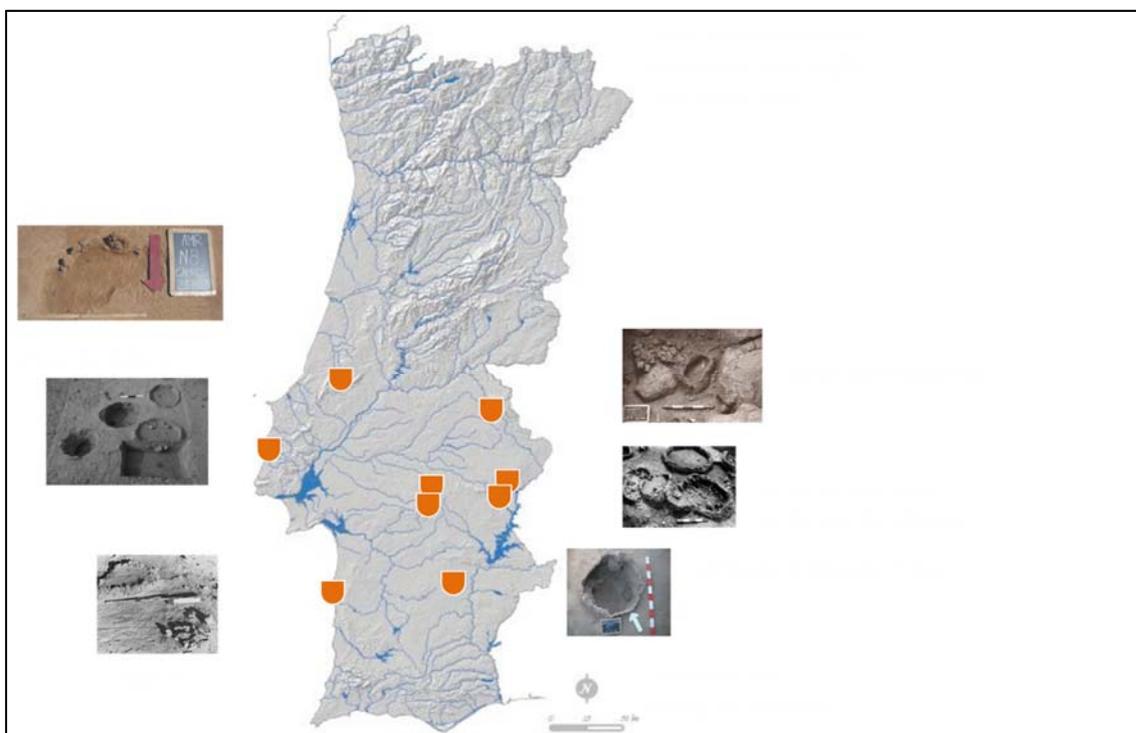


Fig.4 – Principais sítios com presença de estruturas tipo forno/silo. (Amoreira e Fonte de Cruz; Cova da Baleia de Sousa e Gonçalves, 2015; Salema de Silva e Soares, 1981; Reguengo de Oliveira, 2006; Xarez 12, Carraça e Fonte dos Sapateiros de Gonçalves et al., 2013; Lajinha 8 de Gaspar et al., 2009; Defesa de Cima 2 de Santos e Carvalho, 2006; Barranco da Horta do Almada, de Rosa, em curso).

Um outro elemento a mencionar, na construção destas estruturas, está relacionado com a escolha de rochas graníticas como elementos da placa pétrea que se encontra na sua base. Se em alguns sítios, como o da Defesa de Cima 2, esta parece amplamente justificada pela distância às cascalheiras mais próximas, em outros contextos – veja-se o caso das estruturas da Baixa do Xarez onde, e apesar da imediata disponibilidade de seixos rolados, também se verifica a utilização de blocos angulosos de granito e grauvaque.

Ao debate relacionado com a funcionalidade destas estruturas, deve acrescentar-se o dos aspectos relativos aos elementos da cultura material, em particular os elementos de pedra lascada que, como ficou demonstrado (Diniz, 2013), constituem a categoria artefactual dominante, nestes contextos. Destacam-se, neste domínio, algumas categorias tecno-tipológicas, nomeadamente o grupo das lascas e da utensilagem sobre lasca, nomeadamente os utensílios de retoque marginal, os entalhes e os denticulados.

No campo das armaduras, e aqui estes conjuntos afastam-se das indústrias clássicas de entalhes e denticulados de outras áreas peninsulares, onde estas não estão presentes, os trapézios são exclusivos ou largamente maioritários, entre os geométricos.

Hoje, para o Sul de Portugal, a questão das tipologias dos geométricos mesolíticos não parece linearmente conectada com a cronologia de ocupação dos diferentes sítios. O esquema clássico construído para o Mesolítico recente que se iniciava com trapézios, seguidos de triângulos, e por fim os segmentos e de novos os trapézios (Marchand, 2001, p. 107), pode ser revisto, não apenas porque a posição cronológica dos segmentos se alterou – de acordo com as datações recentemente obtidas sobre restos humanos do Cabeço das Amoreiras (Sado) demonstra-se que, apesar do domínio dos segmentos, este integra o mais antigo grupo de concheiros/necrópoles, nesta região – mas também porque a confirmar-se a cronologia antiga da Cova da Baleia e da Defesa de Cima 2, os trapézios serão parte integrante das utensilagens líticas do Mesolítico inicial.

Deve, por isso, colocar-se a questão sobre esta associação recorrente entre micrólitos geométricos de tipo trapezoidal e os sítios com estruturas negativas, com placa pétreas e revestidas a argila ser, para além de uma questão cronológica, resultado de uma questão funcional. A funcionalidade específica deste tipo, no interior das armaduras geométricas, nunca foi demonstrada e apesar de estar já documentada a significativa diferença morfométrica, entre trapézios e segmentos, no que diz respeito às suas larguras e espessuras respectivas, muito clara no conjunto de projectos da Valada do Mato (Diniz, 2007, p.94-95), não estão identificadas, neste momento, diferenças significativas no uso destes utensílios, genericamente associados à caça.

No entanto, a presença dominante de trapézios, associados a entalhes, denticulados e lascas com retoque marginal, em sítios de fornos/silos, numa faixa ampla de território, da costa atlântica às margens do Guadiana, para os quais existem datações enquadráveis no Mesolítico Inicial, deve traduzir a existência de um conjunto de actividades comuns, nas quais os trapézios, mais que qualquer outro tipo de geométrico, desempenham um papel fundamental, qualquer que seja a cronologia destes contextos.

4. Para uma revisão das estratégias de povoamento (e dos cenários sociais), no Mesolítico inicial

A integração do sítio da Defesa de Cima 2 na paisagem ocupada durante o Mesolítico inicial não constitui, em si mesmo, um dado problemático. O sítio da Barca do Xarez permitia já antever que a ocupação do Interior/Sul assentava numa estratégia de uso dos recursos que ultrapassava a simples passagem ou visita pontual. Ainda que dispersos, outros dados isolados como a data proveniente do sítio da Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo), que coloca no segundo quartel do 6º milénio cal AC, um depósito votivo? (Valera, informação oral), denunciam uma utilização mais diversificada, e intensa, do território que a assumida ainda nos inícios do século XXI.

Aqui, no entanto a ampliação da cartografia das ocupações correlaciona-se com uma revisão dos cenários sociais porque estes sítios, com estruturas negativas de argila e placa pétrea, sugerem a prática de uma actividade intensiva/especializada no processamento de produtos alimentares - em função dos dados disponíveis, de tipo cárnico - que se coaduna mal com as reconstituições sociais, tradicionalmente, admitidas para esta etapa que previam a existência de pequenos grupos, de grande mobilidade e baixo impacto na paisagem, com escassa estruturação dos habitats e uma economia fundamentalmente oportunista e de tempo curto.

A uma imagem assente em pequenos grupos diluídos numa paisagem em mutação física com baixo impacto na paisagem e mais tarde “re-agrupados” em torno dos grandes paleo-estuários do Tejo e do Sado parece suceder-se agora um outro retrato em que intensificação, especialização funcional, conservação e consumos diferidos são agora palavras-chave na caracterização destes grupos do pós-glaciar.

Entre 7500 e 6000 cal AC, a bacia média do Guadiana, e não estritamente as *margens do grande rio*, é percorrida/ocupada por grupos de caçadores-recolectores que produzem um registo material idêntico em resultado plausível de estratégias comuns de obtenção e transformação de recursos.

Estes sítios de fornos sugerem, e como hipótese interpretativa a (in)validar no futuro, que a episódios de caça intensiva (?), se sigam episódios de esquartejamento de carcaças e processamento das partes (?), tendo em vista uma circulação dos alimentos e um consumo diferido desses produtos. Este é o quadro já proposto para o sítio da Barca

do Xarez de Baixo (Araújo e Almeida,2013). As estruturas, os artefactos e a cronologia da Defesa de Cima 2, sugerem processos semelhantes – apesar do diferente tipo das estruturas envolvidas - de uso do sítio.

Um quadro idêntico tem vindo a ser detectado em outras áreas da Europa atlântica, onde a presença de sociedades mesolíticas, e a formação de concheiros de grandes dimensões está amplamente documentada como na Suécia, mas também em áreas onde a informação sobre contextos do Mesolítico era quase inexistente, como sucede na região de Champagne, França.

No caso sueco, a escavação do sítio de Norje Sunnansund (Boethius, 2016), pôs a descoberto uma estrutura negativa, alongada, tipo pequeno fosso associada a buracos de poste, e onde se preparavam, durante o Mesolítico Inicial, de forma intensiva, e por fermentação, restos de peixe, destinados a um consumo posterior.

Apesar das diferenças, quer no tipo de estruturas específicas quer, com probabilidade, no tipo de produtos processados, Norje Sunnansund, como a Cova da Baleia ou a Defesa de Cima 2, obriga a uma revisão dos modelos económicos e das estratégias sociais dos grupos de caçadores-recolectores do Mesolítico Inicial, vítimas de uma “ilusão de simplicidade” (Testart, 2005, p.139) que, como quase sempre, decorre do desconhecimento efectivo das sociedades em análise.

A prática de processamento intensivo e posterior armazenamento de recursos silvestres, quase sempre sazonais, estava etnograficamente documentada entre *caçadores-recolectores complexos* (Testart, 1982), em alguns casos como prelúdio das sociedades agro-pastoris – e.g. os grupos Natufienses – ou como solução histórica de longa duração – e.g. os Índios da Costa NW dos Estados Unidos da América, mas sempre em contextos de pré-sedentarização e num quadro que apresenta outros elementos culturais – investimento no sítio de habitat, constituição de necrópoles – que não estão, ainda, documentados no Mesolítico Inicial da Europa ocidental.

A mesma, também inesperada intensidade, no uso do espaço, durante o período 9000-6000 cal AC, foi recentemente demonstrada no âmbito de trabalhos de arqueologia preventiva na região de Champagne (Achard-Corompt et al., 2016), onde um programa extenso de datações absolutas sobre carvão, recolhido no interior de estruturas negativas, desprovidas de outros elementos arqueológicos significativos, demonstrou a cronologia mesolítica, em particular do Mesolítico Inicial, desse material.

O alargar do quadro de referência permite enquadrar os dados disponíveis para o actual território português numa realidade cultural mais ampla. Estaríamos assim perante um novo modelo de povoamento – antes de, e para além das zonas costeiras e dos grandes estuários - estes sítios de fornos denunciariam a exploração, o processamento e a conservação intensiva de recursos terrestres?

Na paisagem em mutação, ainda que moderada, que caracteriza os primeiros milénios do pós-glaciar, e ainda antes da consolidação dos sistemas culturais que os concheiros-necrópole do Tejo e do Sado reflectem, os caçadores-recolectores do Mesolítico Inicial terão desenvolvido estratégias de transformação intensiva de recursos silvestres.

Os lugares de habitat permanecem discretos. Nos sítios de fornos, a presença de estruturas tipo abrigo/cabana não tem sido registada, atribuindo-se assim a estes um papel mais oficinal que de habitat, permanecendo, por isso, por identificar, no registo arqueológico, o lugar de consumo dos produtos aqui transformados.

Com excepção da Defesa de Cima 2, até à data, estes contextos parecem anteriores ao Mesolítico Recente. Confirmar, e interpretar, este dado será tarefa da futura investigação. A continuidade no tempo destas soluções de processamento de produtos alimentares parece documentada no sítio da Gaspeia, onde os autores da escavação atribuem a uma fase neolítica um elevado número de acumulados térmicos organizados em bateria, que sugerem a secagem pelo calor e fumo de carne e/ou peixe em moldes especializados e intensivos.

Definir com rigor as cronologias, as funcionalidades e as dinâmicas de uso destes sítios – permanece por esclarecer a cronologia das deposições funerárias registadas no sítio do Xarez 12 (Gonçalves et al., 2013), da Cova da Baleia (Sousa e Gonçalves, 2015), e do Barranco da Horta do Almada (Rosa, tese de mestrado em preparação) – constituem objectivos da investigação em curso. Novos dados e uma leitura exaustiva dos dados existentes poderão contribuir para precisar as estratégias de povoamento, de uso dos territórios e dos recursos nas economias praticadas pelas sociedades de caçadores-recolectores do Mesolítico. Especialização, intensificação, retorno-diferido são, por isso, conceitos a explorar.

A este puzzle faltam, necessariamente, peças. Se estes são, ou não, testemunhos invulgares só o melhor conhecimento dos sítios ocupados e das redes de povoamento o

poderá dizer. O alargar dos territórios explorados, a ampliação do leque de actividades, das estruturas e dos gestos técnicos dos caçadores – recolectores do Mesolítico inicial parece acentuar-se com mais esta data da Defesa de Cima 2.

Bibliografia

ALDAY, A. Y CAVA, A. (2006) - La unidad de muescas y denticulados del Mesolítico en el País Vasco: la formalización de un modelo cultural. In A. ALDAY ed. - *El Mesolítico de muescas y denticulados en la cuenca del Ebro y el litoral mediterráneo peninsular*. Memorias de Yacimientos Alaveses 11. Vitoria-Gasteiz: Diputación Foral de Álava. Vitoria-Gasteiz, 223-300.

ARAÚJO, A.C (2003) - O Mesolítico inicial da Estremadura. In GONÇALVES, V. S ed. - *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do megalitismo*. Actas do II Colóquio internacional sobre Megalitismo. Trabalhos de Arqueologia 25, 101-114.

ARAÚJO, A.C., ALMEIDA, F. (2013) – *Barca do Xarez de Baixo. Um testemunho invulgar das últimas comunidades de caçadores-recolectores do Alentejo interior*. Estudos Arqueológicos do Alqueva, 3. EDIA / DRCALEN.

BOETHIUS, A. (2016) - Something rotten in Scandinavia: The world's earliest evidence of fermentation. *Journal of Archaeological Science*, 66, 169 -180. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jas.2016.01.008>

BRUNO, P. (2010) - *Arquitecturas de terra nos espaços domésticos Pré-históricos do Sul de Portugal. Sítios, estruturas, tecnologias e materiais*. Tese de Doutoramento em História (Pré-história) apresentada à Universidade de Lisboa.

CRUZ, A. (2002) - Materiais arqueológicos: o Povoado da Amoreira. In CRUZ, A.R. e OOSTERBEEK, L. eds. - *Territórios, mobilidade e povoamento do Alto Ribatejo IV: complexos macrolíticos*. Tomar: CEIPHAR, 111-205

DINIZ, M. (2007) – *O sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da Neolitização no Interior/Sul de Portugal*. IPA: Trabalhos de Arqueologia, 48.

DINIZ, M. (2013) – Fossas, fornos, silos e outros meios de produção: acerca da implantação das práticas produtivas no Neolítico antigo em Portugal. Arnaud, J. Morais; Martins, Andreia; Neves, César, (eds.). - *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação Arqueólogos Portugueses, 319-328.

- GARCÍA MARTÍNEZ DE LAGRÁN, I. (2001) - Los complejos mesolíticos de muescas y denticulados: estado de la cuestión en la cuenca del Ebro. *Cuadernos de Arqueología Universidad de Navarra*. 9, 7 – 110.
- GASPAR, R., PEDRO, J., MATA, J. (2009) - Arqueopetrografia da utensilagem lítica do sítio arqueológico Lajinha 8 (S. Manços – Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12:1, 19–33.
- GONÇALVES, V.S., SOUSA, A.C., MARCHAND, G. (2013) - *Na Margem do Grande Rio. Os últimos grupos de caçadores-recolectores e as primeiras sociedades camponesas no Guadiana Médio*. Estudos arqueológicos do Alqueva, 12 EDIA / DRCALEN
- OLIVEIRA, J. (2006) – *Património Arqueológico da Coudelaria de Alter*. Lisboa: Edições Colibri.
- MARCHAND, G.(2001) - Les traditions techniques du Mésolithique final dans le sud du Portugal: les industries lithiques des amas coquilliers de Várzea da Mó et de Cabeço do Rebolador (fouilles M.Helena). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2, 47-110.
- PEYROTEO-STJERNA, R. (2016) - *On Death in the Mesolithic. Or the Mortuary Practices of the Last Hunter-Gatherers of the South-Western Iberian Peninsula, 7th–6th Millennium BCE*. Doctoral thesis. Uppsala: Department of Archaeology and Ancient History, Uppsala University.
- SANTOS, F., CARVALHO, P. (2006) – *Habitat neolítico da Defesa de Cima 2 (Torre de Coelheiros, Évora)*. Trabalhos Arqueológicos. Relatório Final. EDIA.
- SANTOS, F., SOBRAL, P. (2007) – O sítio neolítico da Defesa de Cima 2 (Torre de Coelheiros, Évora). Primeiros resultados. *Vipasca. ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA*. 2:2, 56-68.
- SILVA, C.T., SOARES, J. (1981) – *A Pré-História da Área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SOUSA, A. C.; GONÇALVES, V. S. (2015) – *Fire walk with me*. O sítio de Cova da Baleia e as primeiras arquitecturas domésticas de terra no Centro e Sul de Portugal. In GONÇALVES, V. S; DINIZ, M.; SOUSA, A. C. – *Actas do 5º Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa: UNIARQ, 123-142.
- TESTART, A. (1982) - *Les chasseurs-cueilleurs ou l'origine des inégalités*. Paris: Société d'Ethnographie.
- TESTART, A. (2005) – *Eléments de classification des sociétés*. Paris: Errance.